



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 4 de Fevereiro de 1995 • Ano LI - N.º 1327 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ENCONTROS em Lisboa

Novos Pobres

QUEM anda um pouco atento à Comunicação Social sabe que quase diariamente somos alimentados com estatísticas sobre quase tudo. Essas estatísticas reduzem tudo a números como lhes compete. Quem as ouve, pode nem se aperceber que por detrás daqueles números se encontram pessoas vivas, de carne e osso. Por exemplo as estatísticas sobre desemprego, falta de habitação, crianças e jovens sem escolaridade, formação profissional, etc.

Uma Casa do Gaiato torna-se um bom local para experimentarmos todos esses problemas. Não com números mas com pessoas vivas que se nos dirigem contando suas mágoas e suas dores. Ainda bem que assim é para não nos deixarmos adormecer. Mas para que o nosso coração continue bem desperto e sensível.

Para além da pobreza crónica que às vezes já se sucede em várias gerações sem que tenham existido mãos amigas capazes de estancar esta reprodução na miséria, tenho sido confrontado nos últimos tempos com aquilo a que se começou a chamar a nova pobreza, ou os novos Pobres. É gente nova ou de meia idade que chegaram a ter a sua vida bastante bem organizada e orientada

mas que o desemprego, os contratos a prazo, os trabalhos à margem das leis laborais sem descontos e sem garantias, tudo deitou a perder.

Como nós sabemos, a grande maioria da população do nosso País e sobretudo nos meios urbanos, vive do trabalho por conta de outrem. Faltando este, todas as possibilidades de vida com compromissos assumidos, por exemplo, compra de casa com empréstimos bancários, fica suspensa. Vêm os cortes de luz e água, vêm as impossibilidades de satisfazer ao banco, vêm as doenças próprias desta situação: a falta de alimentação conveniente, as depressões e a segregação social que pode dar em marginalidade.

São estas pessoas que se nos dirigem de cabeça baixa: «Eu nunca pedi; agora encontro-me na miséria.» «Já não tenho ninguém que me valha.» «Já nem saio à rua com vergonha.» O drama aumenta quando existem crianças à mistura. Depois são as rendas das casas, a venda de móveis ao desbarato, o refúgio em quartos de pensão...

Os grupos sociais que mais parecem atingidos por esta doença social são pessoas de meia idade incapazes de se adaptar a novas tecnologias ou a novos trabalhos. Também

Continua na página 4

Seres inocentes a quem muito se pede na vida

TELEFONAM e aparecem. Vêm aflitos com a situação e descrevem-na pormenorizadamente.

Uma rapariga a rondar os quarenta anos vive no Barredo. Em pequena sofre de meningite e vem carregando as sequelas do mal ao longo dos anos. Semi-paralizada, é ainda incapacitada mentalmente. Como vive só, um organismo local leva-lhe as refeições e cuida dos arrumos da casa. Mas o pior é o irmão que ali aparece diariamente e come parte do que oferecem à dona da casa. É um rapaz toxicod dependente, sem trabalho, que anda pelas ruas do baixo Porto com outros colegas, angariando como podem, o preciso para a droga. À noite entra pela casa dentro acompanhado e faz das suas. O perigo para a rapariga é enorme. O desassossego não é menor. Toda a zona anda

CALVÁRIO

alarmada, mas incapaz de resolver o drama. É preciso resolver com urgência a situação, mas as portas batidas não se têm aberto.

Digo que sim e o Barredo suspira de alívio. Uma ferida é sarada, embora outras por ali fiquem abertas.

O Barredo é terra de mártires e de santos, dizia Pai Américo. Pois os santos da nossa Capela são estes que vamos colocando no Calvário. Não são santos fáceis, pois não se contentam com flores e velas. Carecem de outros cuidados.

Em tempos longínquos — digo para quem me apresenta a doente — desloquei-me ao Barredo.

Costumava ir ali assiduamente. Ainda o bairro não estava alindado como hoje, nem havia tanto empenho na resolução dos problemas locais.

Conheci ali uma pequenita parálitica que perdera os pais e estava entregue ao cuidado de duas tias. Com a pequena naquelas circunstâncias as esmolas não faltavam. Os vizinhos preocupados pediam-me que retirasse dali a enferma. Mas as tias não concordavam, pois certamente as ajudas desapareceriam. Por isso a pequena ali ficou.

Felizmente que hoje tenho a alegria de a receber.

— Mas o senhor padre já conhecia a Elisa?

— Sim é a mesma de então, respondo.

Foram precisas mais de três décadas de exploração, de sofrimento, para ela ser retirada do Barredo.

Há seres inocentes a quem muito se pede na vida. E no silêncio vão sofrendo a incerteza, a insegurança e as amarguras do viver.

Padre Baptista

Moçambique

Chegou o Emanuel

O nosso Natal começou cedo. Chegou o Emanuel, de seis dias apenas. O nome foi propositado. Mas que cuidados e aflições! Baptizado em perigo de vida, corremos para o hospital onde ficou uma semana, rodeado de cuidados e de carinho. Regressou para nós: «um Menino nos foi dado».

Entretanto, um casal amigo, senhor João e esposa, preocupou-se com extremo carinho também em dar um presente a cada um dos oitenta e dois rapazes. Tudo cuidadosamente

embalado com cartão de boas-festas individual. Personalizado como se diz no Brasil; um primor, como de pais para filhos, se é que todos fazem assim. D. Noémia também juntou mais; a família da Eng.ª Blanca mandou doces de Espanha.

Tudo foi depositado à roda do Presépio que o Samuel e seus ajudantes armaram no refeitório.

Natal

Primeiro, a celebração da noite, a que o povo se associou com alegria. A nossa Missa foi acontecimento festivo. No fim beijámos, não um menino do presépio, mas dois, o

Emanuel e o Américo Lucas, bem despertados e amorosos, procurando sentir neles a presença do Deus Menino entre nós. Como certamente naquela noite aconteceu aos pastores de Belém que foram à gruta.

No dia de Natal, após o café, foi a entrega dos presentes. A cada um, uma palavra e um beijo. Era o que tínhamos para dar, se não fossem os Amigos.

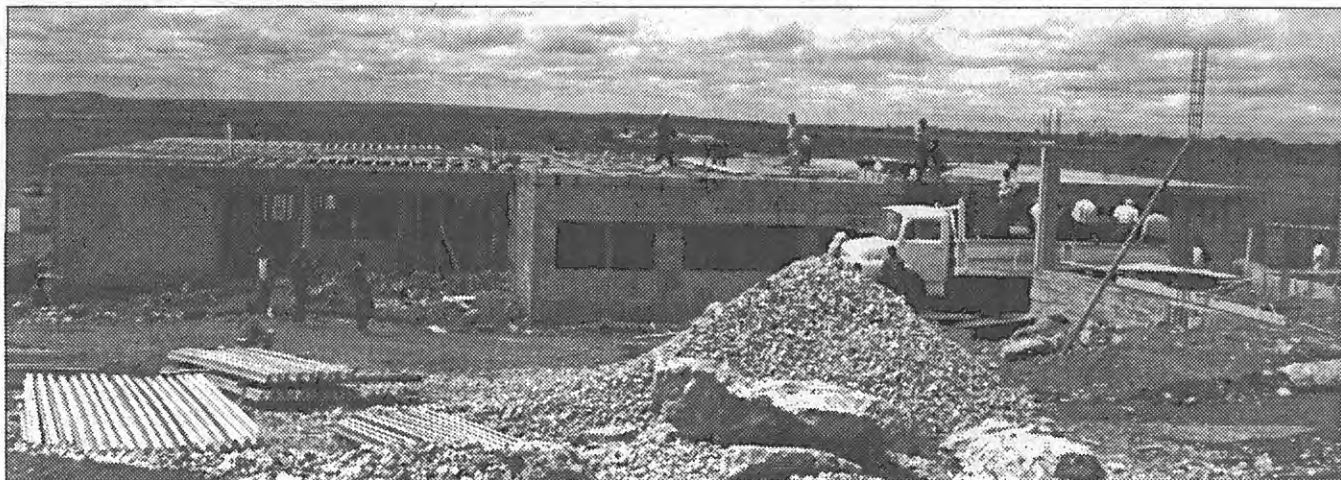
Naquela manhã, ainda celebrámos com os Cooperantes italianos que moram na Barragem. Os nossos mais pequenos foram os cantores da Missa. Canto com dança como só eles são capazes. Pouca assistência. Mas no fim mimos, de Itália: panetone e champanhe, trigo e açúcar. Uma surpresa doce.

Nas vésperas de Natal a nossa despensa ficou repleta com o que o Batalhão de Transmissões nos trouxe. A nossa Casa ficou cheia com o carinho de tão poucas pessoas. Digo tão poucas, porque este ano não houve árvore de Natal na cidade, e também não vieram a nossa Casa os que dormem nas ruas. Foi isso que, nos anos passados, despertou a cidade para o símbolo do Natal, de que este ano os meios de comunicação não tiveram pejo em falar.

Vivemos este Natal muito para nós, enriquecidos com a vinda do Rui e logo a seguir a tia Preciosa que entraram em cheio na nossa vida. Mas não podemos deixar de testemunhar as facetas tristes. Evitámos ir à cidade naqueles dias. Ninguém pode obstar à generosidade de ninguém. Mas a inconsciência com que inadvertidamente se atendem as crianças da e na rua, faz aumentar cada ano o seu número. Aqueles que a tempo não foram acolhidos em Casas como a nossa, ou porque não quiseram ou não tiveram lugar, tornaram-se marginais. Os grupos são muitos e actuam com perícia em pleno dia.

Coincidindo com o período de Natal, as mil voltas para levantar um contentor da alfândega com coisas generosamente doadas e com entusiasmo enviadas à nossa Casa, também foram um pesadelo. Foi o sal, mal posto na comida, neste tempo de Festa. Mas como estamos para servir, vamos adiante. Que o Senhor seja para todos o maior dom.

Padre José Maria



Vista do Sul — a casa-mãe da nova Aldeia dos Gaiatos moçambicanos.

Conferência de Paço de Sousa

PRESTAR CONTAS — Publicamos as de 1994, *abrindo a porta* com um hino de acção de graças a Deus pelos óbolos recebidos através d'O GAIATO: 3.473.587\$00; mais 162.910\$00 por outras vias. Uma boa parte são de presenças muito assíduas, baseadas no Mandamento Novo.

Distribuímos 1.641.351\$00 em auxílios domiciliários, quais *tições* acesos na lareira, suprimindo, um pouco, mesas desprovidas do verdadeiramente essencial. Nos domínios do transcendente, seria difícil contabilizar os tónicos espirituais dos Pobres que nos ajudam na caminhada..., quais *valentes* que sofrem, na própria carne, as agruras Calvário.

As contas da botica somaram 212.535\$00 — partes de receitas da Segurança Social.

Para alívio ou solução de problemas específicos, partilhámos 474.510\$00 com Pobres de algumas Conferências Vicentinas, especialmente a feminina da paróquia. Dar de mãos que fortalece a nossa acção, pois a Caridade não tem fronteiras. É universal. E Deus é Amor.

Aos órgãos hierárquicos da Sociedade de S. Vicente de Paulo entregámos 250.000\$00. Cumprimos a Regra. Somos e agimos — com eles — em sentido de Igreja.

Cedemos 24.500\$00 de material escolar a estudantes pobres. Gastámos 132.000\$00 em funerais. Obviamente, hoje como ontem, as *mútuas* funerárias têm razão de ser...

Reservámos, para o fim, a verba aplicada na problemática da Habitação: 1.425.043\$00. Beneficiámos com *pequenos auxílios* (diria Pai Américo), 10 Autoconstrutores. Para além de tantos sacrifícios, tantos..., alguns suportam também altas taxas de juro, por empréstimos contraídos, que as do nosso País são, ainda, das mais elevadas da Comunidade Europeia! Nessa verba estão incluídas as rendas mensais da habitação de um deficiente, e, ainda, o custo da reparação, por administração directa, duma moradia do Património dos Pobres. Cerca de setecentos mil escudos.

PARTILHA — Dez mil, da assinante 14708, e «*não é preciso acusar recepção*». Cheque da assinante 26724, de Coimbra, «*para a assinatura d'O GAIATO e o que sobejar para uma necessidade maior da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*». Assinante 42795, do Porto, idem.

Mais três mil, da assinante 35193, de Vila Nova de Gaia: «*Sei que é pouco, mas dados com boa vontade*». Presença, de Coimbra, muito habitual: «*Li o que relatavam sobre o problema doloroso das pessoas que não podem comprar medicamentos que necessitam. Junto pequena ajuda, em cheque, para a conta da farmácia*».

Um «*pequeno donativo*» — da assinante 57002, da Senhora da Hora — *para ser distribuído pelos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa*.

Rua da República Peruana, Lisboa, umas sobras «*para ajudar nalguma aflição*». Mil e quinhentos, da assinante 10784, de Ermesinde. E o costume, do assinante 42971, de Ovar — «*por diversas intenções e não precisam de agradecer*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO



A expressão do «Queijinho» afirma que esta é uma das horas mais apetecidas em todas as Casas do Gaiato.

PAÇO DE SOUSA

FUGITIVOS — Parece que agora já é moda fugir. Os Chanças não se cansaram e ainda por cima transmitiram o vício a outros. Apesar de todas as repreensões aplicadas, os nossos Padres já nem sabem o que fazer. Esperemos que sejam eles, então, a resolver os seus próprios problemas.

TRISTEZA — Faleceu mais um filho da Casa, o nosso Manuel Abílio. Depois de 31 anos de vida, Deus chamou-o.

O Manuel Abílio era um homem exemplar, um bom filho. Deixou a mulher e uma filha, ainda muito pequenina.

VISITAS — Devido à chuva, temos recebido poucas visitas durante a semana. Esperamos que o tempo mude porque é sempre bom termos excursões em nossa Aldeia.

INSPECÇÃO MILITAR — Um grupo de rapazes foi à Inspeção para serem seleccionados para a vida militar. Talvez uns tenham melhor sorte do que outros. Que seja o destino a escolher.

FUTEBOL — Disputou-se mais um jogo com o F. C. Cadinha (Lourosa) e, como habitualmente, mais uma vitória nossa.

Uma partida muito difícil devido à boa organização do nosso adversário, mas com o nosso bom espírito de equipa conseguimos ultrapassar os obstáculos difíceis e

vencemos, à tangente, por 4-3.

OFERTAS — Agradecemos imenso todas as ofertas recebidas. Muito obrigado!

«Banana»

TOJAL

OBRAS — O nosso calçeteiro e alguns rapazes continuam com o calçetamento das ruas e caminhos mais antigos da Casa. Já começamos a imaginar como ficará a Casa depois de todos os caminhos em ordem. O pedreiro e também alguns rapazes continuam com as obras ao lado do nosso Pavilhão. Há lá um espaço que se fosse bem ordenado e tratado, ficaria mais bonito e acolhedor. Esperamos que as obras corram da melhor forma. Aproveitem aquele terreno baldio o melhor possível.

JARDINS — Gesto muito minucioso, do nosso Padre Cristóvão, ao aproveitar muitos dos terrenos baldios e plantar esperança e vida. As flores! São elas que dão mais vida e beleza à nossa Casa. Por isso é preciso ter muito cuidado com elas, com os jardins. Em todos eles nascem as ervas daninhas. No nosso mundo existem coisas boas e coisas más. Nos jardins também há plantas boas e as más. E, por isso, aos sábados da parte da manhã, o nosso Padre Cristóvão e alguns rapazes vão para os canteiros tratar das plantas e cortar a rama das árvores que cresce demais e não faz falta.

ESCOLA — Sítio muito precioso para quem quer ser algo na vida. Por isso é que o nosso Padre Cristóvão tem que ser muito exigente com os estudantes, da 4.ª classe para cima. Muitos pensam que é só chegar à sala e marcar presença. Não é bem assim. Há que tomar atenção a tudo o que os professores disserem e tirar as dúvidas que houver. Como este período é o mais decisivo, o nosso Padre Cristóvão e os professores, repito, serão mais exigentes.

VISITAS — No começo de um novo ano começamos a ser visitados por pessoas muito amigas da Obra e outras que não conhecíamos, mas que iremos conhecendo. É sinal de que o nome da nossa Obra passa pelos ouvidos de muita gente. É uma Obra que ajuda os Pobres e acolhe os miúdos da rua. Por ano, recebemos mais de trezentos pedidos de acolhimento. Mas não podemos concretizar a maioria deles. Por isso, Pai Américo dizia: «Cada Freguesia cuide dos seus Pobres».

OFERTAS — Temos recebido muitas coisas e, dessas, a esperança de que a Casa do

Gaiato e os rapazes cresçam e construam uma nova família. Por isso, também será preciso que se dediquem ao estudo para não terem dificuldades na vida. Vida cheia de coisas boas e coisas más. Temos que nos agarrar às coisas boas e depois será mais fácil seguir o caminho.

Joaquim Miguel F. Pinto

Cooperativa de Habitação

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA — Nos termos do art. 26 dos estatutos, convocamos os sócios da Cooperativa para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar em 26/03/95, às 10,00 horas, nas instalações da Urbanização de Vales — Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Apreciar e votar o orçamento e plano de actividades para o exercício de 1995.

2. Apreciar e votar o relatório e contas da Direcção, relativo ao exercício de 1994 e parecer do Conselho Fiscal.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria requerida no art. 27 dos estatutos, a Assembleia reunirá meia hora mais tarde, com qualquer número de membros presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

José Lemos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Um santo Natal e Deus Menino abençoe o vosso apostolado, são os votos da vossa Irmã em Cristo, Maria Bemardete» — com 3.000\$00. De José d'Eça, lindas orações e 10.000\$00. «Sou uma pobre, e velhinha de 90 anos, com muitas dificuldades, mas tenho muito carinho pelos vossos protegidos» — assinante 7769, 3.000\$00. De um amigo, 5.000\$00. Assinante 40795, 10.000\$00. «Deus vos abençoe e ajude no vosso trabalho de auxiliar e consolar os nossos irmãos mais infelizes», 5.000\$00.

«Com todo o carinho aí vai o cobertor que confeccionei durante o ano. Desejo que quem o levar se sinta muito quentinho. Com o contributo mensal um pouco melhorado», 5.000\$00. Mais 2.000\$00, de J. R. D..

De um anónimo, 25.000\$00. Assinante 24785, 10.000\$00. «Em nome dos vicentinos da Conferência de S. Cristóvão, de Refojos — Santo Tirso, com

votos de um feliz Natal», 3.500\$00.

Assinante 22914, 5.000\$00. Manuel Pereira, 3.000\$00, fruto de renúncias.

«Migalhinha» de 10.000\$00, do assinante 10070, com um lindo postal. Com uma bela carta da nossa amiga da Holanda, 7.000\$00. Anónimo, 10.000\$. De D. E. F., 2.000\$00. «Que 1995 venha cheio de graças de Deus Menino para que possam continuar a ajudar os que tanto precisam. O Senhor vos dará Forças», 5.000\$00.

De um Amigo que está na Alemanha, 150 marcos. Oscar, 10.000\$00. Rosa, 10.000\$00. António, 5.000\$00. Rosalina, 10.000\$00.

Muito obrigado a todos os Amigos. As vossas cartas e postais são queridos por todos nós. Animam e dão conforto. Bem haja e Deus lhes pague.

Maria Germana e Augusto

Notícias de Moçambique

DIA-A-DIA — Um mês após a minha chegada a Moçambique, é altura adequada para fazer um balanço.

Vim consciente das dificuldades que poderia encontrar. A maior, a que temeria mais, era a saudade. Mas não! Graças a Deus, todos se encarregaram de colmatar abalos psicológicos. Não há tempo para se pensar em saudades! O trabalho ocupa-nos todo o dia, e, quando a noite chega, é mesmo para descansar.

A alvorada é às 5 da manhã. O deitar, para o nosso Padre José Maria, Irmã Quitéria, tia Preciosa, tia Blanca e eu próprio, bom, só Deus sabe... Se a reunião demora, mais tarde se assiste à Santa Missa. Mas, por norma, recolhemo-nos entre as 10 e 11 horas da noite.

Os primeiros tempos foram de adaptação. Não foi difícil, uma vez que prefiro o calor ao frio. Uma das surpresas desagradáveis que tive, foi uma ventania enorme que se levantou repentinamente e fez o célebre pó da Massaca entrar por todo o lado. Nesse dia, apenas eu e os mais pequenos estávamos em Casa. Com surpresa e preocupação, não tive tempo para me abrigar de tamanho inferno. Era andar de um lado para outro, gritando a todo aquele que não se abrigasse. O Senhor se encarregou de nada de mau ter acontecido. Quando o nosso Padre José Maria me viu, desatou a rir, tal o estado em que me encontrava!

CONTENTOR — Entretanto, caminhei para o Gólgota: o levantamento do contentor. Assisti ao carregamento em Portugal. Saiu de Leixões no dia 2 de Setembro/94, sendo

desalfandegado apenas no dia 9 de Janeiro/95!... A burocracia, o estar permanentemente à espera de receber uma boa dose de meticais extras, por parte dos funcionários de departamentos públicos, o marasmo... Enfim, é de bradar aos céus. É necessária uma grande força espiritual! Por vezes, uma enorme revolta interior. No entanto, convém serenidade para se conseguir levar a água ao moinho. Acompanhei todo o processo e fiquei abismado com a *ginástica* para se proceder ao levantamento do contentor! Já sei o que me espera para o próximo.

Depois, acompanhei a carga até nossa Casa. O camião não tinha pára-brisas, mas o contentamento era tamanho que nada obstava à minha felicidade.

TRANSPORTES — Uma preocupação do nosso Padre José Maria era o transporte do pessoal que mora em Maputo e trabalha em nossa Casa. O motorista não oferecia condições. Assunto resolvido: sou eu que faço o serviço. Vim para servir. Outra das minhas funções: ir à cidade tratar de assuntos da Casa (os que poderão ser tratados por mim). O nosso Padre José Maria fica assim mais liberto para outras tarefas. E, mesmo assim, no final do dia, temos a sensação de que se tivesse mais umas horas seria tão bom. Afflige-nos quando temos de entrar em qualquer lado para resolver a mais simples das coisas: indiferença, falta de zelo e de artigos... Por vezes, percorremos a cidade, de ponta à ponta, procurando a coisa mais simples. Custa-nos entrar numa farmácia. Tudo vazio!... Não há nada!

OUTRA AVENTURA — Quando cheguei de Portugal, não tinha ninguém à minha espera! Deficiência minha, por certo. Mensagem para a Casa do Gaiato, nem pensar. Pois não tinha elementos. Esperei algum tempo e, como não via ninguém, segui de táxi. Que grande risco! Pois os roubos são uma constante. Mas graças a Deus cheguei bem.

INTEGRAÇÃO NO MEIO — O meu relacionamento com os rapazes tem sido muito bom. Respeito-os, como tal sou respeitado. Tomei a meu cargo o sector do desporto. Já temos umas vitórias no nosso palmarés.

A NOSSA ALDEIA — Quanto às obras da nossa futura Casa, não decorrem no ritmo desejado. Ai se eu percebesse, um pouco que fosse, de construção civil!

MISÉRIA — Nas minhas idas à cidade, apercebo-me de quanta miséria existe. Presentemente não posso fazer ideia quantas Casas do Gaiato fariam falta em Moçambique. E o futuro não é nada risonho. O número de candidatos a futuros gaiatos aumentará. A prostituição proliferará. Este povo precisa da bênção de Deus. A fome é uma realidade dramática. O custo de vida, assustador. Os longos anos de guerra deixaram Moçambique muito maltratado. É urgente que este País se levante e saia do marasmo em que se encontra. A guerra acabou, graças a Deus, mas a Comunidade Internacional não se pode acomodar a esta realidade. Há ainda muito a fazer. E a saúde. São as vias de comunicação que se encontram num estado deplorável. É a construção civil, etc. E os transportes públicos? É ver para crer. E ainda se fala, em Portugal, nos transportes públicos em horas de ponta... Venham a Moçambique e utilizem os disponíveis. Que o Senhor sobre este Povo martirizado. Bem precisado está!

Rui

NOTAS DO TEMPO

Fonte de contradições

NA verdade, não há como as realidades tocarem-nos na pele para as *vermos* de maneira diferente daquela que nos proporciona o simples conhecimento delas.

Como já disse — e não vou enfadar os Leitores com mais queixumes — experimentámos no sistema informático de que depende a expedição d' O GAIATO uma grave avaria..., perdão, uma grave doença ainda não diagnosticada, não sabemos se provocada por algum «vírus» — isto para usar a linguagem comum, quase personalizada, que aplicam aos computadores.

Esta experiência abriu-me os olhos para a universalidade e profundidade dos problemas que esta invenção do homem lhe traz, a par de ajudas preciosas que lhe aumentam extraordinariamente o potencial de acção. É um bem,

sem dúvida, mas que arrasta na sua gestação um «pecado da origem», como o próprio homem que lhe deu o ser. E um «pecado de origem» é uma fonte de contradições que, a nível do homem, só a Graça pode remediar; e a nível das criaturas dos homens, lhes constitui um desafio a que não podem fugir, pois só a eles compete encontrar os modos de sanar o desequilíbrio que a sua invenção introduziu. A inteligência, a criatividade dos homens não são chamadas a descanso; talvez, sim, a uma pausa no progresso incessante da sua criação, para se debruçarem sobre as *contra-indicações*, tal como fazem os bioquímicos que se empenharam em descobrir fármacos para curar, sabendo que eles nunca curam a cem por cento e trazem sempre no reverso algum outro mal. Os bioquímicos, suponho, devem ser humildes (nem que não queiram!) forçados por esta realidade. E «sem Humildade, nada» — deixou-nos como alerta Pai Américo; e eu julgo que esta

será, proventura, umas das suas afirmações mais universais. A inteligência e criatividade dos homens que inventaram a informática, eles precisam de juntar muita humanidade para não passarem sobre o Homem, que é sujeito e destinatário de todas as invenções, e não atropelarem os seus direitos fundamentais. Um destes é o direito ao trabalho. Entre a denúncia do desemprego como cataclismo social e o assistir irreactivo, senão mesmo em aplauso, à substituição progressiva do homem pela máquina, agora por esta sofisticadíssima máquina chamada computador, parece não haver coerência. O caminho já andado é irreversível. Mas é urgente que o sentido de humanidade desperte nos homens e lhes imponha um movimento paralelo dinamizado pela sua inteligência e criatividade para a invenção de novas actividades que ocupem o homem, o comum dos homens, deficientes de capacidade para a condução de tais máquinas e excessivos em

número para a dependência delas da condução humana.

Urgente o despertar deste sentido de humanidade, até para que a sensibilidade das gerações do tempo não sofra também de «robotização», um risco que se me afigura do interesse preferencial da juventude pelos filmes de ficção científica, especialmente nesta área, em que as personagens *robot* são apresentadas como heróis em confronto com as personagens humanas.

«Malhas que o império tece»!... Não será profética esta palavra de Fernando Pessoa? Temo que sim, que o império que os homens pretendem construir, se transforme em teia que os enreda e acaba por encarcerar.

«Sem Humildade, nada!»! Ela será sempre a fonte da Liberdade por que os homens anseiam e do equilíbrio de que todos carecem e é tão difícil de atingir... que só por aproximações sucessivas!

Continua na página 4

Património dos Pobres

Um cortiço

PELA informação que deram daquela situação dolorosa, ficámos especados. Partimos manhazinha e fomos ver. Esperava-nos o sacerdote metido em angústias.

Tomámos estrada serra acima e só descemos na margem do Douro. Quem se pusesse de rebolão iria tomar banho na albufeira do rio. Subimos nova encosta e só paramos a meio dela.

Deixámos a carrinha e seguimos caminho íngreme de terra batida com fundos sulcos abertos pelas chuvas, o meu companheiro estendeu-me o braço e subimos com esforço. A certa altura ele exclamou: — *É ali!* Ao longe pareceu-nos um cortiço em demolição.

Tentámos entrar por uma porta velha entreaberta, mas o fumo não nos deixou. Ao lado subimos por escadas de pedra tosca, sobrepostas, e conseguimos entrar. Estava a mãe com os filhos mais pequenos. Os outros estavam na escola. O mais pequenino, de chupeta na boca e sujeito, mal nos viu começou a gritar. No meio de toda aquela fumaça ouvimos a mãe a contar a sua vida dolorosa.

A casa, que mais parece um cortiço, foi construída com tabiques de madeira que só foram barrados, nunca chegaram a ser calafetados. O vento entra pelas fendas e o fumo penetra e domina todo o espaço. O recheio da casa, sem divisões, era um amontoado de coisas.

Aquela mulher contou ainda a situação triste do seu cunhado: — *Esperam o oitavo filho e não têm onde se meter.* Deixámos uma palavra de esperança e despedimo-nos.

Ali perto há terreno abandonado e o presidente da Junta de Freguesia está empenhado em consegui-lo para a construção de duas casinhas. Assim seja.

Regressámos por estrada diferente, pois a primeira tinha curvas muito apertadas e húmidas da geada.

Mais aflições

São de párocos aflitos com aflições do seu «rebanho». Eis algumas:

«Nesta terra um casal de pessoas de 60 e 65 anos de idade reparou a sua casa de habitação que ajustaram por mil contos. Apareceram depois despesas imprevistas que ficaram em mais quinhentos contos. Tiveram de pedir à banca por um juro de 60 contos por ano.

O casal é doente e vive aflito! Ela já tentou o suicídio e ele precisa de ser operado... Será que o Património dos Pobres poderá ajudar?»

«Encontrei nesta freguesia uma família — pai, mãe e três filhitos — numa casa que foi começada por gente boa, mas que nunca foi acabada. Cobriram-na e não mais lhe fizeram qualquer outra coisa.

Eu prometi ajudá-los. Mas não sou capaz de me safar sozinho. O pai e a mãe são meio atrasados. Estou a escrever para lhe fazer este pedido. Mandé-me o que puder.»

Na volta o correio levou a resposta e um cheque assinado para cada um. Não eram casos de esperar. Há aflições que não devem estar à espera. Temos duras experiências disso.

O nosso trabalho é sempre de esperança, de confiança. O correio todos os dias leva e todos os dias traz. Pai Américo trabalhou sempre assim e ensinou-nos assim a trabalhar. Nunca se enganou e nunca desesperou: — *O dinheiro vem sempre depois. Quem assim não pensa, engana-se.*

Ouvimos muitas vezes que tivemos um bom mestre.

Padre Horácio

Adoptar uma família degradada não é tarefa fácil

PELA forma como vi comemorar o Ano Internacional da Família pareceu-me que tudo não passou de uma cultura de aparências.

Os Pobres, sobretudo os degradados, foram esquecidos. Não houve folheto nem revista, jornal ou magazine que não abordasse o assunto. Toda a gente se mostrou interessada em falar da família, neutralizando sistematicamente a dívida, nunca saldada, das famílias cristãs para com as degradadas, ficando sempre numa mediocridade de bom tom, geradora de uma paz de sonolência.

Adoptar uma família degradada não é tarefa fácil. É por isso que esta inspiração se dirige somente aos cristãos. Aqueles que devem ver Deus no rosto dos seus irmãos. Aos que são capazes de palpar as feridas do Crucificado, nas enormes chagas de alma, das famílias envilecidas. Só a esses, que têm por isso capacidade de sentir e remediar a dor.

Um Amigo que lê O GAIATO «de fio a pavio», encontrando-me na rua, depois do cumprimento normal, desfechou-me nos olhos:

— *Sabe, o que me parece mais difícil na cruzada em que se empenhou é organizar um grupo de famílias para uma acção dessa natureza.*

— Também me parece, confirmei; alegrando-me com a partilha e a reflexão.

Mas logo atalhei:

— Por aqui verificamos o Cristianismo que temos.

Há cerca de um mês recebi

dois rapazes que havia ido visitar e viviam numa cafurra com o pai, numa paróquia citadina. A mãe está presa, há seis meses, sem julgamento. O pai é drogado. A pseudo-casa tem cerca de seis metros de comprimento por dois e meio de largura. Sem qualquer janela, com porta estreita e cobertura baixa de fibrocimento, exalava um cheiro nauseabundo. Os rapazes eram objecto dessa hipócrita assistência a que hoje, de forma importada, se chama «meninos da rua». Assistência oficial com técnicos pagos.

A comunidade cristã ignora a situação. O pároco, ali ao pé, nunca os visitou. Hoje vive-se tanto da teoria e tão pouco da prática. Uma visita aos Pobres da freguesia vale mais que muitas reciclagens e enche a alma com tanta luz, como o melhor dos retiros. Mas nós preferimos ir compondo os cenários.

Uma carta

Não faz assim aquela senhora que há tempos veio falar comigo e numa carta com cinco longas páginas vem «dar notícias do resultado da nossa conversa».

«Aconselhou-me: — Procure uma família na sua paróquia porque, lá, há-de encontrá-la com certeza. Pois olhe, nesse dia quando cheguei a casa tive o telefonema da minha sobrinha que tinha encontrado um homem com três crianças e os foram deixar numa ruína pertencentes à Câmara. Mas a minha sobrinha estava muito angustiada por causa das crianças e pediu-me para, no dia seguinte, ir falar com a mãe. Eu disse a Nosso Senhor: — *Cá está a Tua*

resposta à minha preocupação de família degradada.

Fiquei impressionada porque era a mesma rapariga que, uns anos antes, tinha recolhido com 2 filhos e lhe dei guarida, durante dois meses. Ela, nessa altura, era uma tonta, metia-se com homens e só pensava em se pintar e usar roupas pouco próprias... Nunca mais soube nada dela até a encontrar, um ano e meio depois, já quase no fim de uma gravidez de outro homem que não era o pai dos dois primeiros filhos. Eis que me aparece agora com novo companheiro.

Quando eu perguntei ao senhor Padre Acílio por quanto tempo é que se ajuda uma família, respondeu-me que era como os filhos adoptivos — para o resto da vida. Por isso, eu resolvi deixar-me de egoísmos e mentalizar-me que vou acudir a esta família por toda a vida».

O senhor padre também me aconselhou a arranjar várias pessoas que se interessassem por uma família e isso é que tem sido mais difícil. Porque, por enquanto só sou eu e a minha sobrinha a acudir-mos a esta família. Os problemas são muitos porque na verdade este tipo de gente enrola-se e cria problemas dificultando a nossa ajuda».

Ora aqui temos, não um samaritano, mas uma samaritana que soube ver e começou a caminhar! Não passa ao lado. Debruça-se e vai percebendo o drama.

«Neste momento — continua — já fizemos o seguinte: Colocámos os dois miúdos mais velhos (um rapaz de 9 anos e uma miúda de 6) no Instituto Espanhol, que por o pai ser espanhol,

lhes dá gratuitamente: ensino, refeição e transporte. Já não iam à escola há ano e meio. Arranjámos novo emprego à mãe, que o outro era uma escravatura, sem horário, sem folga e sem Segurança Social.

Ajudámos a mobiliar a casa nas ruínas e sensibilizámos a Câmara para uma morada decente!

Localizámos o pai em Espanha, que está em contacto connosco para o caso de ter de vir buscar os filhos.

Localizámos o pai do bebé que vai requerer o poder paternal, visto a mãe andar constantemente com homens diferentes.»

E mais!... que ela relata como uma mãe que se dói dos seus filhos. Esta experiência é e será reveladora da sua Força, simpatia e potência de amar. A energia da fé cristã capaz de vencer o pecado!

Post scriptum

O Rui Torres que, enquanto se fez carpinteiro nas nossas oficinas, tirou à noite o nono ano, frequenta o 2.º ano da Escola Profissional de Setúbal. Foi escolhido, entre muitos, para tirar um curso na Alemanha, num centro da Associação Industrial Alemã; um dos melhores do mundo, disseram os seus professores. O custo desta experiência, tão encorajadora para todos, é suportada em 75% pela Escola.

O Rui foi chefe do Lar durante dois anos e aguentou sempre o seu lugar com generosidade.

Esta eleição, na sua escola, é para todos um bom estímulo.

Padre Acílio

PASSO A PASSO

O espírito da Paz

ELES são tantos! E tão diferentes! Gordos, magros, atrevidos, tímidos, faladores, calados, abertos, desconfiados, pretos, brancos mas todos lindos... Outras vezes não gosto deste ou daquele mas logo vejo que este não gostar é superficial e que o gostar é profundo... Quando os olho, fazem que Alguém fale em mim... E sai a carícia num gesto paterno...

Então se é assim, porquê tanta cara de pau? Tanta frieza e até repulsa? Tanto distanciamento e tanto marcar de posição? Eis! Marcar de posição... Eu... Divisão!

Dar a face a quem me bate, dar a capa de que preciso, acompanhar aquele que me incomoda, não negar o pão a quem

me acusa... E entrega... Entregar-me por causa do Senhor... O Outro, os Outros... Unidade!

O sorriso sereno e confiante do Toninho, menino de 6 anos, diz-me que é possível a unidade. Ele, de ascendência cigana, difícil de entender, que comia parafusos e esferas quando cá chegou, apanhava cobras e enchia latas de moscas e lambia caracóis — os «cólinhos» — encostou-se ao meu ombro durante o Terço e dormiu... E depois disse-me: — *Estou doente.* Sereno. Continua a gostar do skate e das correrias, mas está sereno...

É esta serenidade no bem e no mal que permite a unidade. E esta serenidade existe porque há paz no coração. E a paz trouxe-a Alguém. E permanece porque Ele está, o Espírito da Paz.

O Pobre é homem de paz. Não se busca a si mesmo, mas busca o Outro porque só d'Ele recebe o que precisa, a Vida, e tudo o mais vem por acréscimo.

Estes outros, como o Toninho, o «Sobrinha», o «Moranguinho»..., são sinais frágeis da unidade possível... «Se não vos tornardes como crianças não entrareis no Reino dos Céus»... Para sermos um.

Padre Júlio

BENGUELA

Quero partilhar

QUERO partilhar convosco uma grande dor de cabeça que me veio por estes dias. As nossas aflições andam, normalmente, de mãos dadas com as desgraças daqueles a quem servimos e para quem somos.

Há meses que tenho, entre mãos, os processos de 34 rapazes, dos 12 aos 15 anos, a viverem numa casa sem o mínimo de condições, sem qualquer garantia dum futuro normal. Há dois anos que o meu pensamento voa para lá. Agora tem que ser ou não será mais. A linha de risco já foi ultrapassada por alguns. Os vícios, de várias ordens, encontram ali terreno favorável, pois estão desacompanhados. São rapazes sem família que, de princípio, receberam o carinho duma instituição para a primeira infância, seguindo, depois, para um lar oficial sem qualquer projecto em ordem ao seu futuro. Assim foram crescendo até esta altura. A Casa do Gaiato vai dar-lhes a mão. Virão em pequeninos grupos, a partir desta semana. Não fosse uma confiança muito grande na bondade escondida no coração de cada garoto, não seria capaz de dar este passo. Assim esta dor de cabeça vai sendo atenuada pela esperança de ver recuperados e lançados na vida mais estes rapazes.

Outra dor que ainda não consegui curar

Tenho ainda outra dor que, até aqui, não consegui curar. Uma parte das crianças que vêm à nossa escola, de manhã, não toma o pequeno-almoço. Fui alertado para este grande mal, quando uma delas, ontem mesmo, veio ao nosso consultório com uma fortíssima dor de barriga. A mãe, que a deitara sobre os joelhos, explicou: — *Quando o estômago da minha filha não tem comida nenhuma, durante muito tempo, acontece isto. É a fome.* O povo fala assim: «A fome faz doer». Amanhã vou à busca do remédio a ver se acabam as dores de barriga. Que alegria ver as crianças a saltar, em suas danças inocentes e cheias de vida, só porque têm a tigela ou o prato cheio de papa quente, com um nadinha de açúcar, que é difícil arranjar-las. Falta o leite!

Se não fossem estas dores e aflições a vida não tinha sabor porque lhe faltava o sal.

As armas não foram enterradas definitivamente

Ainda não vemos os camiões a levar gente de regresso às suas aldeias. As armas não foram enterradas definitivamente. As emboscadas traiçoeiras matam e deixam o medo. Resta-nos a esperança. Mas a pobreza e miséria crescem. Por um lado, os planos económicos falharam. Por outro, esta fase é de hesitação, de transição, sem medidas de fundo porque o futuro não é claro.

O programa escolar anda para a frente. Para além das crianças, também as mães estão a frequentar a escola. De manhã muito cedo, lá vêm elas com os filhos às costas, outros pela mão, de lápis e caderno, para as suas actividades escolares. São duas dezenas e meia. Depois, seguem para o trabalho do campo. São pequeninas acções sociais que vão à raiz de qualquer promoção humana.

Alegrem-se connosco todos os que nos vão acompanhando e tornando possível este trabalho. Obrigado!

Padre Manuel António

Encontros em Lisboa

Continuação da página 1

grupos de gente nova com níveis de escolaridade baixos e por isso pouco aptos a mudar de trabalho ou a adaptar-se a novas circunstâncias.

Situações que interrogam a nossa consciência colectiva. É um facto que um grupo significativo de pessoas vive bem e para quem a palavra progresso tem sentido atendendo aos níveis de vida que se nos deparam, mas é também verdade que se estabelece uma dicotomia na sociedade: ricos mais ricos e pobres e mais pobres, ou gente média em vias de

empobrecimento, ou gente débil cada vez com menos esperanças de um dia se sentar à mesa comum do povo que somos.

Estamos diante da necessidade de interrogarmos a nossa economia e os valores que ela apregoa a partir da solidariedade que precisamos que seja efectiva. Se deixarmos a economia solta à sua lógica matemática arriscamo-nos a que ela destrua o tecido que nos torna vizinhos e amigos. Arriscamo-nos a que o homem se torne escravo do sistema porque o sistema deixou de servir o homem. Ao longo dos séculos o humanismo cristão ajudou a depurar os sistemas económicos. Hoje precisamos de interrogar o sistema a partir dos Pobres que esse sistema gera porque também para eles este nosso mundo foi criado por Deus

Padre Manuel Cristóvão

Comunhão fraterna com os Pobres

PASSOU o Natal mas ficou, em nós, gravada a sua mensagem. Foram muitos os votos que recebemos de quase todos os lados. Até do Algarve veio um pequenino vale. É uma mensagem tocada com o coração e a vida porque chega até nós, concreta, palpável. Uma enorme multidão de irmãos nossos, uns pela fé, outros pela comunhão fraterna com os Pobres, desprende-se de algo de seu para que o Natal dos nossos pequeninos, dos grandes também, fosse mais feliz. Vieram, uns em seu próprio nome, outros representando grupos, irmãos no mesmo ideal: «para que os Rapazes tenham um feliz Natal». Por nossas mãos e coração, que de mais perto contemplámos a maravilha deste repartir, o nosso mais profundo agradecimento a todos e àquele que pelo Natal nos proporcionou tão grandes graças — o Senhor.

A Cofarbel quis este ano pregar-nos com a sua campanha de solidariedade junto dos seus associados: 473 contos em cheques e notas, uma enorme carrada de roupas, géneros alimentícios, artigos de higiene e material escolar, constituíram a sua prestimosa prenda de Natal. A todos Deus conceda um Ano muito feliz. A seguir, a procissão do costume, conforme os devotos foram nela entrando. Um médico, de Coimbra, com 20 mil. Escuteiros da Pampilhosa, com 18 mil. Na loja do Fernandito, 10 e na Casa Castelo, 17 mil. Na Igreja de S. José, 7.500\$00. A Escola de Condução Mirandense com 20 mil. De Abrantes, 25 mil. Um Grupo de Santa Maria da Feira que passa todos os anos por esta altura, deixou as castanhas e 24 mil. A Junta de Freguesia da Sé Nova com os seus tradicionais cem mil. Um sacerdote

Tribuna de Coimbra

da serra com 10 mil. Mais trinta mil, de Tomar. «Por uma graça recebida», 51 mil. Mais 60 mil, de Coimbra. Para o «sapatinho dos mais pequeninos», 4 mil. A nossa amiga, do Luso, com os seus 7 mil e o bolo-rei, este ano pelo Ano Novo. Mais um amigo, de Coimbra, de letra já familiar, com 200 mil. Da Lousã, 25 mil. Da Guia, 6 mil. De Viseu, 10 mil. Uma catequista dos nossos, com 50 mil. Mais 40 mil, de Tomar. Da Guia, Mata Mourisca, e Ilha, uma carrada de géneros alimentícios, roupas e 120.730\$00. Um amigo, de Aveiro, com 25 mil. Mais 17 mil, da Anadia. Cento e trinta mil, de Castelo Branco. Uma viúva com 25 mil. O Colégio de Cernache com a sua visita habitual, muitas mercadorias e um cheque com 42 mil. O beijar do Menino Jesus na nossa Missa do Galo deixou na bandeja 21.125\$00. Um rapaz nosso, com cem mil. Mais 60 mil, à nossa porta. Da Agroeça, 150 mil. Jovens da Marinha Grande, 4 mil. Funcionários da C+S de Proença-a-Nova, com 1500\$00. A Escola Evaristo Nogueira, de S. Romão, com 37.642\$50. Mais 25 mil, na loja do Fernandito. Por mão de D. Eugénia, 50 mil por uma vez e por outra 30 mil — ambas rentes ao Natal. Um sacerdote amigo, com cem mil. A D. Dulce, que já cá deu escola, com 2 mil. De Penela, «alguém» com 50 mil. De 4 crianças, 18 mil, símbolo de uma renúncia. Amiga, de Turquel, com 500 mil. Em cumprimento da vontade de seu marido defunto, 200 mil. Um grupo de meninos da catequese de Penacova com 9.548\$00. A professora de um que agora é nosso e que veio dos

lados de Aveiro, com 85 mil. Amiga inesquecível, de Castelo Branco, que discretamente reparte connosco os seus bens, um cheque de 200 mil e outro de 100 mil; agora com mais um de cem mil. Campanha de solidariedade da Escola C+S do Tramagal, com 20 mil. O Aviário de Santa Cita com os seus tradicionais 50 mil, para além da carrada de «bicos» que todos os anos engordamos em nossa Casa. Um grupo de Fajões, S. João da Madeira, com 28 mil. O casal Carmona com os seus costumados 20 mil.

E com o mesmo, um empreiteiro de Coimbra. No Lar de Coimbra, por vezes várias, dezenas de milhares em envelopes de todos os tamanhos. Um grupo de Catequese, de Assafarge, com 5 mil. De Mangualde, um cheque com 220 mil. Mais 50 mil e mais 40 mil, de Coimbra. O departamento Comercial da Probar com 18 mil. Duzentos marcos da Alemanha e cem dólares do Brasil.

Apaz-nos registar ainda a presença da Junta de Freguesia de Miranda do Corvo com os seus tradicionais cumprimentos e oferta de bolo-rei. De Pombal, por várias vezes, muitos mantimentos e brinquedos. Do Continente, de Coimbra, carradas de pão, bolos, fruta e, até, bacalhau. «Abençoadas» quebras..., que muito agradecemos.

De um lado e de outro, bolo-rei, pão de ló, brinquedos... eu sei lá: um louvar a Deus pelo Seu nascimento entre nós e no coração daqueles que comungam connosco vida e preocupações. Que este louvor nunca morra nos nossos lábios, num agradecimento infundo.

Padre João

NOTAS DO TEMPO

Continuação da página 3

Crise económica

Este Natal trouxe à tona a realidade da crise económica que se atravessa. O Comércio em geral queixou-se do minguado movimento relativo à época em anos passados. Assistimos ao tremor de Empresas que ainda há pouco julgávamos inabaláveis. Inovações tecnológicas põem em causa quadros de valores que supúnhamos estáveis. Não é pacífico o momento que passa.

Os políticos falam em «retoma». Retoma de quê? Do estado imediatamente anterior, forjado por uma filosofia consumista? Se tal é a retoma, é porque a crise não chegou para os homens se aperceberem do erro que nas últimas décadas avassalou a Humanidade.

Toda a crise importa sofrimento e este atinge, quase sempre de forma mais cruel, os mais débeis e menos culpados no Tipo de Sociedade que interessou particularmente a alguns, os forjadores da dita filosofia.

Mas se a crise é de transição para uma sociedade renovada, respeitadora dos valores criados por Deus para todos os homens e que necessariamente chegarão para todos mediante uma admi-

nistração correcta, consentânea com os Direitos Universais do Homem — soframola.

O mundo, hoje, é uma aldeia grande onde a solidariedade deve ser um facto como ainda acontece em alguns meios pequenos e imunes do vírus do egoísmo sem limites. O Evangelho, mais do que nunca, é a Palavra de ordem — ordem de Comunhão entre os homens. Não cabe n'Ele a divisão entre Norte e Sul, entre os Sete mais ricos e o resto do mundo, entre os detentores de tecnologia de ponta e os que jazem no estado primitivo por que todos passaram. O privilégio dos que têm mais, dos que sabem melhor, é repartir e ensinar os que têm e sabem menos. Repartir não é tão difícil como ensinar. Ensinar supõe quem aprenda. Exige uma paciência imensa, porque aprender é um processo demorado — esforço de gerações, trabalho de séculos.

«Dos fracassos não reza a História». Se os poderosos de hoje não são capazes de dar o peito a este desafio — onde está o seu poder?, que nome lhes dará a História, amanhã?! Que o poder não é capacidade de vencer os fracassos e espalhar a morte.

Não julgaríamos assim, se nos realizássemos a imagem de Deus que nos pertence ser. Deus, o infinitamente poderoso, é Fonte inesgotável de vida.

Padre Carlos

A cruz purifica

O ano que passou foi tempo de provação pela doença e pela morte no seio da nossa grande família. Males graves a exigir operações melindrosas que foram susto, graças a Deus ultrapassado para alguns. Mas outros e outras sucumbiram: de uns já era esperado; outros foram surpresa que nos apanhou desprevenidos.

A Fátima do Jaime era, de há muito, presa da «doença dos pezinhos» que a minou até ao fim. Foi um sofrimento enorme para ela e para os seus, que o suportaram com fé e galhardia. Não esquecerei tão cedo a beleza do seu funeral. Igreja do Santís-

simo Sacramento repleta, Missa concelebrada por três padres e um diácono, solenizada pelo canto da assembleia, como se ela fora pessoa importante segundo os critérios sociais. A cruz aceite purifica e o odor de santidade de uma morte atrai. Não vejo outra razão para assembleia tamanha e celebração tão viva. Vim consolado, porque no Céu se acendeu mais uma luz!

Hoje foi o funeral do Manuel Abílio. Há meses que ele vinha sofrendo de uma depressão, mas ninguém previa este desfecho. Afinal era um tumor no cérebro, escondido, ao que parece, desde pequenito e que só agora se manifestou.

A operação correu bem, mas ele já não foi capaz de recuperar. As últimas semanas foram de vida artificial, ligado à máquina de reanimação até ao último sopro.

Agora ficou a sua jovem mulher e uma pequenina de vinte meses... e um andazinho que havia de

ser pago pelos dois e agora terá de ser só por ela. Escolhos que Deus permite e há-de ajudar a vencer.

A solidariedade e o carinho de tantos irmãos seus neste tempo sofrido, não há-de esgotar-se na cova aonde o acompanharam — esperamo-lo.

Padre Carlos



Director: Padre Carlos — Chete de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4550 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50788888 — Reg. D. G. C. S. 100388 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Janeiro: 73.000 exemplares.